

As infinitas descobertas do corpo*

Denise Bernuzzi de Sant'Anna**

Resumo

O texto indica alguns momentos característicos das sucessivas descobertas do corpo emergentes nas últimas décadas do século XX, privilegiando autores e tendências culturais capazes de explicitar os paradoxos característicos do interesse pelo corpo na atualidade. Procura-se situar a historicidade de algumas redescobertas do corpo essenciais para a compreensão tanto das explorações que lhes são feitas hoje quanto das valorizações que o transformam numa entidade tão radiosa quanto outrora fora a alma.

Palavras-chave: Corporalidade, historicidade.

* Recebido para publicação em outubro de 2000.

** Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.

Descobertas do corpo

The Infinite Discoveries of the Body

Abstract

The text indicates some characteristic moments of the successive discoveries of the body during the last decades of the twentieth century, privileging authors and cultural trends capable of making explicit the characteristic paradoxes of today's interest in the body. The historical nature of some re-discoveries of the body are essential to understand both the explorations and valorization that make it an entity as radiant as was once the soul is examined.

Key words: Corporeality, Historical Nature.

As descobertas do corpo possuem uma história secular e vasta, pontuada pelos avanços e limites do conhecimento humano. Pois se o corpo não cessa de ser descoberto, é preciso não perder de vista a provisoriedade de cada conhecimento produzido a seu respeito: constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado! Cada tentativa feita para conhecer o funcionamento do corpo, incluindo os seus significados biológicos e culturais, é desencadeadora de esclarecimentos e de dúvidas inusitadas a seu respeito. Da medicina dos humores à biotecnologia contemporânea, passando pela invenção de regimes, cirurgias, cosméticos e técnicas disciplinares, o conhecimento do corpo é por excelência histórico, relacionado aos receios e sonhos de cada época, cultura e grupo social.

Mas este conhecimento não se restringe ao terreno da história, nem ao campo da medicina. Ele faz parte de todas as ciências e das artes. Por isso, torna-se arriscado, senão impossível, realizar uma história do corpo ou mesmo uma história das numerosas pesquisas realizadas a seu respeito. Muito diferente disto, o que faremos a seguir é indicar, rapidamente, alguns momentos característicos das sucessivas descobertas do corpo emergentes nas últimas décadas do século XX, privilegiando autores e tendências culturais capazes de explicitar os paradoxos característicos do interesse pelo corpo na atualidade. Não é nossa intenção desenvolver com profundidade as sugestões levantadas, mas procuraremos situar a historicidade de algumas redescobertas do corpo que nos parecem essenciais para a compreensão tanto das explorações que lhes são feitas hoje quanto das valorizações que o transformam numa entidade tão radiosa quanto outrora fora a alma.

Descobertas do corpo

Embora as descobertas do corpo não sejam uma novidade da atualidade, foi no decorrer dos últimos quarenta anos do século XX que elas ganharam uma importância inusitada. Após os movimentos sociais da década de 60, por exemplo, o corpo foi redescoberto na arte e na política, na ciência e na mídia, provocando um verdadeiro “corporeísmo” nas sociedades ocidentais.¹ Enquanto jovens de várias partes do mundo reivindicavam o fim de todos os tabus relacionados ao corpo, as lutas políticas pareciam integrar naturalmente o combate pela liberação sexual. Tratava-se de valorizar a liberdade juvenil, buscar a ampliação dos sentidos conscientes e inconscientes, mesmo que fosse preciso contrariar as intenções de trabalho produtivo e de reprodução disciplinada da raça.

As gerações mais antigas se assustaram com a revolução corporal em curso. Os corpos de seus filhos haviam conquistado uma descontração antes proibida, uma desenvoltura desafiadora de antigos padrões culturais que defendia valores até então considerados moralmente suspeitos; “*autenticidade, natureza e prazer*” não tardaram a formar o tripé de algumas das reivindicações que aproximavam a política da livre expressão do desejo e da expressão corporal que se queria cada vez mais liberada de máscaras, repressões ou recalçamento. E não demoraria muito para os valores da liberação em pauta se tornarem objeto de centenas de estudos entre os pesquisadores das ciências humanas. A voga corporal deu lugar à criação de uma “sociologia do corpo” e de uma “antropologia da expressão corporal”, atualizando estudos dos anos 30, de autores como Marcel Mauss e Norbert Elias, ou ainda, retornando aos pressupostos de Reich e Bertherat. Etnólogos e antropólogos ampliaram e afinaram as questões sobre o corpo ao analisar culturas distintas e os trabalhos de Maurice Leenhardt, B.

¹ Termo utilizado num importante livro sobre a voga do corpo. Ver MAISONNEUVE e BRUCHON-SCHWEITZER. *Modèles du corps et psychologie esthétique*. Paris, PUF, 1981.

Malinowski, Roger Bastide, M. Mead, G. Bateson, C. Lévi-Strauss, entre outros, contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento da sociologia do corpo na Europa. Segundo J-M Berthelot, sempre houve uma sociologia implícita do corpo dentro das ciências sociais.² Por exemplo, desde o século XIX, inúmeras pesquisas mostraram as condições de miséria física das classes trabalhadoras assim como a riqueza de sua cultura gestual. Além disso, há muito o homem como “produto do seu corpo” foi uma hipótese de trabalho reconhecida por sociólogos, filósofos e historiadores. Mas é a partir dos anos 60 que diversos trabalhos de outras épocas foram amplamente utilizados como legado essencial ao estudo das novas práticas e representações do corpo em gestação. Doravante, uma atenção inusitada à sexualidade também caracterizaria a produção de artigos e livros, principalmente depois da publicação do primeiro volume da *História da Sexualidade* de Michel Foucault. Mais tarde, Thomas Laqueur, da Universidade da Califórnia, colocará não apenas a “vontade de saber” sobre o sexo em questão mas, sobretudo, a diferença sexual.³

As redescobertas do corpo na década de 60 também favoreceram à criação de revistas especializadas na análise das técnicas corporais, ligadas, por exemplo, à educação física, sem contar na importante emergência de trabalhos de artistas plásticos e fotógrafos dispostos a evidenciar as centenas de usos do corpo na sociedade contemporânea. Corpos em pedaços, corpos híbridos, monstruosos, estereotipados, mas também corpos que mostravam sem pudor a homossexualidade, a velhice, as sinuosidades do desejo e do sofrimento cravadas na carne. A revista *arTitudes*, fundada em 1971 por François Pluchart,

² BERTHELOT, J-M. Corps et Société. *Cahiers internationaux de Sociologie*, vol. LXXIV, 1983.

³ LAQUEUR, Thomas. *Making sex. Body and gender from the greeks to Freud*. Harvard College, 1990. Ver também LAQUEUR, T. e GALLAGHER, Catherine. *The Making of the Modern Body. Sexuality and Society*. In: *Nineteenth Century*, Berkeley, Londres, University of California Press, 1987.

Descobertas do corpo

veiculava em suas críticas de arte a defesa de uma arte corporal, tal como na Alemanha é feito pela revista d'*Interfunktionen* e nos Estados Unidos pelas *Avalanche* e *High Performance*.

Transgredir as fronteiras do possível era, para diversos campos da criação humana, confrontar-se com espaços do corpo ancestralmente repudiados pela cultura; ou seja, tratava-se de se colocar face a face com aquilo que Antonin Artaud já havia anunciado em sua complexa obra: o orgânico e, mais ainda, a inegável repulsão diante do que é considerado “imundícies do corpo e da sociedade”.

Atração e repulsão pareciam andar de mãos dadas em diversas criações que afirmavam a antiga descoberta de que o corpo é um médium fundamental. Inúmeros artistas da escola de Viena, tais como Günter Brus e Hermann Nitsch transformaram seus corpos em materiais da e para a arte. Sabe-se que antes deles outros artistas, dadaístas, futuristas e também aqueles do grupo Gutai, no Japão, já haviam utilizado seus corpos como objeto da arte. Mas, a partir de 60, o corpo como material artístico se integra mais assiduamente à realização de *performances* e *happenings*, transformando as fronteiras entre pintura, escultura e teatro, e, ainda, entre artista e espectador, cada vez mais tênues.

Dentro e fora da arte, os trabalhos sobre o corpo e a partir de sua evidência colocam em relevo a multisensorialidade humana. Nos estudos históricos, ganha impulso a tendência em investigar as sensibilidades do corpo, na vida privada e cotidiana, na história das mulheres e das crianças. Não demorará muito para que uma história do sensível seja proposta por Alain Corbin, ampliando, assim, uma antiga intenção de Lucien Febvre de realizar uma história dos dispositivos afetivos. Ao mesmo tempo, uma história do corpo medicalizado, da saúde, da higiene e do conforto ganhará importância crescente em outros domínios além daquele da história das idéias.

Mesmo que para muitos não fosse possível atrelar a revolução sexual à revolução política, tanto nos conselhos publicitários quanto nos consultórios, liberar os corpos de antigos

fantasmas tornava-se um gênero de primeira necessidade. Este, por sua vez, influenciava desde a *body art* até os cotidianos e prosaicos conflitos entre gerações no seio das classes médias em ascensão social.

Na publicidade e na moda, antes da banalização das imagens do corpo transexual – termo de origem médica – eram as imagens expressando androginia que apareciam nas ousadas tendências capazes de misturar gestos, roupas e valores até então separados em territórios de gêneros distintos. Depois das *pin-ups* dos anos 50, o corpo feminino ganhava em leveza, rebeldia e mergulhava de cabeça na busca por autenticidade. Por vezes o mergulho não incluía além da cabeça e de suas idéias mas, muitas vezes, ele foi profundo o suficiente para criar "pontos de mutação" irreversíveis na histórica luta pela conquista de um mundo desembaraçado de coações morais de inspiração misógina.

* * *

À primeira vista, fica a impressão de que o corpo havia conquistado uma importância maior do que aquela da alma ou do inconsciente. Embalado pelas novidades da moda e da música, cresceu o número de terapias e de experiências espontâneas que buscavam a “descoberta do corpo” e a expressão de sensibilidades alienadas. Como se o corpo deixasse de ser um tabu, sede do pecado e das doenças, para ganhar dignidade e importância.

Contudo, juntamente com estas redescobertas do corpo, emergiram novas questões e dúvidas a seu respeito: até onde investigá-lo, assumir o seu comando, deixar fluir o desejo que nele pulsa? Como não sucumbir aos imponderáveis expressos por cada corpo quando eles parecem tramar contra vida no lugar de fortalecê-la? Como resistir aos poderes sutis e positivos, tal qual enunciava Michel Foucault, evitando reduzir cada descoberta do corpo a um excelente *negócio*, esquecendo-se, enfim, do

Descobertas do corpo

alternativo? Ou, como não escorregar da liberação para a “*soft pornografia*”, conforme havia escrito Jean Baudrillard?

Com o passar dos anos, principalmente com a chegada da década de 80, tais questões se aliaram a outras redescobertas do corpo: estas pregavam a necessidade e estimular o físico em lazeres e nos esportes sem esquecer de aliar o prazer ao pragmatismo. O constante ultrapassamento dos próprios limites físicos tornava-se uma moeda corrente na mídia, suscitando novos estudos acadêmicos. Na França, Michel Bernard dirigia uma coleção de publicações sobre as relações entre corpo e práticas esportivas, enquanto os temas do risco, da aventura e das alianças entre corpo, tecnologia e ecologia começavam a provocar novas críticas ao “culto da *performance*” em desenvolvimento nos Estados Unidos, tal como alertou Alain Ehrenberg.⁴ É quando autores americanos como Louis Banner, Bruce Haley, Donald Mrozek e Roberta J. Parker dedicaram-se ao estudo das relações entre corpo-anatomia-esporte e história. A descoberta de filiações entre esporte, corpo e puritanismo norte-americano colocava em questão várias das novas tendências em expansão no mundo industrial, especialmente aquela de um verdadeiro culto à *performance* física que começava a fazer parte dos locais de lazer e de trabalho, da intimidade sexual de homens e mulheres.

É quando o estilo esportivo, característico dos eventos em clubes e estádios, vai conquistar as ruas e as moradias de milhares de pessoas que não eram atletas profissionais. No Brasil, depois das campanhas televisivas como a *Mexa-se* e a *Esporte para Todos* dos anos da ditadura militar, assistimos à massificação das academias de ginástica e à banalização dos cuidados corporais que incluem terapias, regimes e lazer. A nova voga do esporte, completamente associada à valorização da imagem do empresário, ganhava expressão na mídia. Nas novelas, nos filmes, e ainda na política, ser empresário na empresa e empresário do próprio corpo integravam um mesmo ideal. Uma espécie de

⁴ EHRENBURG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris, Calmann-Levy, 1991.

versão empresarial do corpo e da vida vai, portanto, colocar em alta os *records* de calorias, conquistadas ou eliminadas, muita massa muscular delineada, grandes quantidades de velocidade, consumida em corridas aceleradas e aventuras comercializadas em massa. Havia, enfim, a tentativa de acelerar os deslocamentos do corpo e de generalizar o estilo esportivo que prega a autonomia como norma e a conquista de novos *records* como meta. Governar a si mesmo e pilotar o corpo em busca de quantidades crescentes de energia: o sucesso no comércio das vitaminas e suplementos nutricionais se destina doravante a todos os que ousam amar sem pudores o sucesso, o dinheiro e o risco. Ser veloz e saudável é aqui conjugado com a necessidade de ser produtivo, descontraído e sexualmente feliz.

Mas, novamente, surgem dúvidas e riscos relacionados a esta descoberta do corpo devotada a acelerar sua corrida rumo à aquisição de mais saúde e juventude: os musculosos e “aeróbicos” jovens dos anos 80 foram várias vezes acusados de alienados e passivos diante de toda a megaindústria da moda e da beleza, para quem o corpo liberado em sua versão atlética tornou-se um grande álibi. Eles foram acusados também de reduzir toda atividade, inclusive a sexual, a mais uma *performance*. No limite, a generalização da competição parecia ter transformado toda relação humana em mais um *negócio* a ser vencido. Apesar dos sedutores investimentos na saúde e na beleza corporal, era flagrante a persistência de novos tabus em gestação ou mesmo a atualização de antigos pudores e dualismos. Neste último caso, a suspeita de que os tratamentos dados ao corpo agiam segundo o dualismo corpo e alma estimulou a realização de pesquisas sobre a historicidade do corpo humano, em civilizações e épocas distintas. Uma obra que, de certo modo, apresenta um resumo interessantíssimo a este respeito foi publicada no final dos anos 80 pela revista *Zone* nos Estados Unidos e na Inglaterra.⁵

⁵ Ver os três volumes editados por CRARY, Jonathan *et alii*. *Fragments for a history of the human body*. New York, Urzone, 1989.

Descobertas do corpo

Chegamos aos anos 90, um pouco cansados de tantas redescobertas do corpo, seguidas sempre por novas críticas que darão lugar a novas descobertas e a outras críticas. Homens e mulheres musculosos e "turbinados" continuaram, certamente, a fazer parte do cenário mundial. Mas uma parte do espírito de *concorrente inabalável* e de negociador esperto e atlético começava a se desmanchar em *stress*, depressão, colesterol, ansiedade ou a descobrir artroses, músculos distendidos e remédios falsificados. Outros se recolheram em seus lares e para dentro de seus corpos, em busca de suas necessidades particulares ou mesmo de uma espécie de desaceleração preventiva. Talvez fossem narcisistas mas, se o fossem, certamente eram Narcisos que haviam sido excluídos da Pólis. Pois, nos grandes centros urbanos, houve, igualmente, uma aceleração do processo de diminuição das condições mínimas de lazer e de saúde. Neles, redescobrir o corpo começava a soar muito menos como moda ou um signo de modernidade, e muito mais como uma necessidade básica, ou como a única opção de garantia de um mínimo de qualidade de vida. Uma questão ganhava importância: como andar a pé, correr, andar de bicicleta, nadar, em suma, explorar as capacidades do corpo em favor de sua saúde e prazer, morando em cidades cada vez menos solidárias ao pedestre e mais adaptadas a automóveis? Por vezes, não restava alternativa senão a dos clubes e outros locais fechados, privados, nos quais a natureza tende a ser cada vez mais reconstruída artificialmente: no lugar de lagos e rios, piscinas e cascatas artificiais, ao invés de florestas, áreas verdes.

São muitos os que percebem hoje o quanto a redescoberta do corpo não pode ser compreendida sem levar em conta os problemas urbanos. Richard Sennet é um deles e mostra em seu *Carne e Pedra*⁶ este antigo vínculo entre corpo e cidade, já estudado por muitos pesquisadores como Lewis Mumford, nos anos 50. Não são poucos, também, os que percebem o quanto

⁶ Publicado no Brasil pela Record, 1997.

vivemos em sociedades que adulam e valorizam o corpo e, ao mesmo tempo, o aviltam e o exploram. Por um lado, somos diariamente confrontados com a proliferação acelerada de produtos, tecnologias, terapias e saberes que visam o fortalecimento e o embelezamento do corpo; por outro, nos deparamos com sua comercialização desenfreada: no trabalho, nos hospitais, na mídia, e também nas ruas, onde cresce a banalização das violências feitas ao corpo, o desrespeito e o descaso com corpos de crianças, jovens e idosos. Assim, se o corpo é reconhecido como sujeito primordial, sensível e tão importante quanto em outros momentos fôra a alma, justamente por ter ganho tal importância, ele também se tornou objeto de imensas curiosidades, de intensas explorações comerciais, de diferentes manipulações científicas e industriais. Em suma, tudo se passa como se após séculos de culpabilizações, o corpo tivesse conquistado um lugar de destaque, tanto para ser finalmente valorizado como para ser mais amplamente explorado.

Este paradoxo deu lugar a numerosos estudos sobre as relações entre corpo e tecnologia durante os anos 90. Depois do desenvolvimento da neurociência e de afirmações como a de Changeaux para quem “o homem não tem nada a fazer com seu espírito” porque ele é um homem “neuronal”, o espírito se faz carne, se encarna, mostra-se presente em todo o corpo. Ou melhor, a inteligência não se situaria apenas no cérebro e, por conseguinte, o corpo apresentaria inúmeras regiões e potências capazes de funcionar de modo inteligente.⁷ Aqui, o respeito ao corpo advém, principalmente, desta espécie de descentralização da mente, resultando em processos cognitivos que relacionam a experiência cultural e biológica do corpo.

Todavia, o hibridismo entre natureza e cultura em pleno desenvolvimento na indústria e, também, em hospitais, clínicas e

⁷ CHANGEUX, J-P. *L'homme neuronal*. Paris, Fayard, 1983, p.211. Sobre a inteligência encarnada ver VARELA, Francisco *et alii*. *L'inscription corporelle de l'esprit*. Paris, Seuil, 1993.

Descobertas do corpo

laboratórios contribuiu para desencadear investigações sobre as rupturas das fronteiras entre o corpo humano e os resultados da tecnociência. A artificialização dos corpos analisada por Max Marcuszi, Donna Haraway, Vandana Shiva, entre outros, colocou na ordem do dia a necessidade de aliar o tema da liberação dos corpos, em particular, o das mulheres, com aqueles da bioética, do direito, dos riscos e responsabilidades resultantes da ação das novas tecnologias reprodutivas. A reprodução da vida, “para além do bem e do macho”, provocava o interesse das ciências humanas, em particular, o da antropologia⁸; para autores como Le Breton, “a fábrica do corpo humano” – referência à antiga obra escrita do Vesálio – “entra na era industrial”.⁹

Mas para artistas como Stelarc, o corpo se tornou obsoleto diante da imensa liberdade de modificá-lo oferecida pela atual tecnociência. Aliás, a ficção científica, de P. K. Dick a W. Gibson, não cessa de repetir este fato, ao prolongar o corpo com próteses fabricadas graças ao casamento entre genética e informática, realizado desde meados do século XX.¹⁰

Ao mesmo tempo, muitos aspectos das redescobertas do corpo posteriores aos anos 90 se sustentam menos na culpa e na disciplina do que no espírito de iniciativa. É preciso ter iniciativa, grande conquista e grande coação expressa pela mídia. Iniciativa, principalmente no que tange à modificação do corpo com o apoio da ciência e da técnica. Neo-eugenismo, suspeitam alguns, como é o caso do biólogo Michel Tibon-Cornillot.¹¹ Risco de

⁸ Ver, por exemplo, LE BRETON, David. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris, PUF, 1990.

⁹ ID., *IB.*, p.260.

¹⁰ Desenvolvemos as relações históricas entre corpo e tecnologia em outros trabalhos – Passageiros e Pacientes. *Interface*, UNESP/Botucatu, abril, 2000; Corpo e História. *Cadernos de Subjetividade*, PUC/EDUC/ São Paulo, 1996; e no doutorado *La recherche de la beauté*, vol.2., Paris, Universidade de Paris VII, 1994.

¹¹ TIBON-CORNILLOT, Michel. *Les corps transfigurés. Mécanisation du vivant et imaginaire de la biologie*. Paris, Seuil, 1992.

“aposentadoria” dos órgãos humanos em favor de órgãos artificiais, sugere Paul Virilio.¹² As críticas sobre a instrumentalização do corpo e a sua comercialização globalizada conquistaram um lugar de destaque, principalmente quando se trata de refletir sobre a saúde.

Mas se hoje o ideal da Grande Saúde, mencionado por Nietzsche no final do século passado, juntamente com o funcionamento da tecnociência conquistaram um lugar de destaque nas reflexões realizadas dentro e fora da universidade, talvez fosse o caso de criar mecanismos capazes de evitar a *separação do corpo daquilo que ele pode*, tal como a filosofia de Espinosa ensinara. Tal preocupação conduz os estudos sobre o corpo ao terreno da ética¹³ e também contribui para a politização das pesquisas sobre o corpo nas diversas áreas do saber. Pois, em nossos dias, estas pesquisas têm sido crescentemente confrontadas com a necessidade de investigar os interesses que alimentam a insaciável *vontade de saber* sobre a saúde, o prolongamento da vida e a majoração do bem-estar de cada homem, mulher e criança. São estudos que suscitam questões fundamentais aos pesquisadores interessados em analisar as redescobertas do corpo em voga na atualidade, pois elas levam para as preocupações com o corpo argumentos de natureza política e ética.

Entre estas questões, gostaríamos de finalizar este texto, destacando aquelas que nos parecem tocar na difícil separação, por vezes fomentada pela própria massificação do culto ao corpo, entre indivíduo e coletivo. Trata-se de interrogações que não servem somente para serem respondidas, mas para serem lembradas, constantemente, literalmente como questões. Ou seja, elas funcionam como uma espécie de companheiro de viagem naquelas investigações sobre o corpo defensoras de sua

¹² Ver Do homem excitado ao homem super-excitado. In: VIRILIO, Paul. *A arte do Motor*. São Paulo, Estação Liberdade, 1993.

¹³ Desenvolvemos a relação entre corpo e ética no artigo Passagens para condutas éticas no cotidiano. *Margem*, n° 9, Revista da Faculdade de Ciências Sociais, São Paulo, PUC/EDUC, 1999.

Descobertas do corpo

dignidade. São questões que podem desestabilizar um suposto ego vaidoso de suas conquistas em termos de saúde, bem-estar ou mesmo de conhecimento sobre o corpo. Entre estas questões, temos: como valorizar o corpo, seus direitos e sua dignidade, sem transformá-lo numa espécie de relíquia isolada do coletivo, ou numa Entidade que sabe apenas se relacionar com outros corpos por meio da permuta comercial? Como estimular redescobertas e cuidados com o corpo que ao valorizarem as potências individuais também valorizem aquelas do coletivo? Pois um dos desafios das redescobertas do corpo de nossa época talvez não seja tanto o de saber como liberá-lo mas sim o de poder ser ético durante a liberação. Aprendemos com maio de 68 a importância de liberar o corpo e o desejo, de romper fronteiras culturais e mesmo aquelas que eram pensadas como sendo imutáveis e intransponíveis. Mas ainda teríamos uma longa estrada para o aprendizado sobre como lidar com a pouca ou muita liberação pregada, conquistada e ambicionada. Carecemos de aprender como os corpos individuais – liberados ou não, transexuais, bissexuais, hetero, homo, obesos, magros, de todas as cores, idades e formas – jamais sejam simplesmente quimeras ou se limitem a funcionar como equivalentes gerais de riqueza. Como fazer para que as singularidades corporais não sejam relíquias nem banalidades, motivo de exposição nem de imposição? Daí a importância da ética. Espinosa já havia insistido na importância do encontro dos corpos, na diferença entre encontros que potencializam a vida e aqueles que a fragilizam. De onde retornamos à questão: como redescobrir o corpo valorizando ao mesmo tempo o individual e o coletivo? Como escapar da tentação de degradar um corpo para obter o brilho e o prolongamento da vida do próprio corpo? Questões impossíveis de serem respondidas, dizem uns, problemas ancestrais do homem, dizem outros. E nós insistimos: são questões que também servem quando não são respondidas. Com elas, trata-se, em suma, de evitar que cada corpo seja uma espécie de planeta isolado, que faz sentido unicamente para si mesmo. Mas isto já seria o começo de um outro texto. Um texto sobre a

Denise Sant'Anna

possibilidade de inventar corpos de indivíduos dignos e éticos, mas ao mesmo tempo, de coletivos destituídos do espírito de rebanho. Um texto que não necessariamente precisa ser escrito para que suas idéias sejam exercidas no cotidiano desde já.